

## INTERCOMPREENSÃO ENTRE LÍNGUAS NA INTEGRAÇÃO DE UM IMIGRANTE ADULTO

### INTERCOMPREHENSION BETWEEN LANGUAGES IN THE INTEGRATION OF AN ADULT IMMIGRANT

Dayane Cortez<sup>1</sup>

*dcortez@unesc.net*

Charles Martins<sup>2</sup>

*charles.lettras@gmail.com*

Morgana Batista Pereira<sup>3</sup>

*morganapereira90@gmail.com*

Quetlin Silveira<sup>4</sup>

*quetysilva22@gmail.com*

Tayana Rodrigues<sup>5</sup>

*tayhrodrigues96@gmail.com*

#### RESUMO

A pesquisa tem como objetivo entender como a intercompreensão entre línguas pode facilitar a comunicação de um imigrante adulto em seu processo de integração na sociedade brasileira. Para a metodologia foi realizada uma entrevista com um estudante universitário congolês, buscando compreender como as línguas das quais o imigrante já era fluente, ou de conhecimento intermediário, ajudou-o a se adaptar em um país tão distante da sua cultura de origem. Também, a pesquisa analisa a diversidade e dificuldade de fonemas entre as línguas, com enfoque no francês e português, analisando a multilinguagem existente e como ela se exerce.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intercompreensão; Línguas; Imigrante.

#### ABSTRACT

The research intends to understand how the intercomprehension between languages can facilitate the communication of an adult immigrant in his process of integration into Brazilian society. The methodology that has been used is an interview with a Congolese university student, seeking to understand how the languages in which the immigrant was already fluent, or with intermediate

---

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (UNESC), Professora de Português Língua Estrangeira na Escola de Idiomas Unesc e do curso de Letras (UNESC).

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc), graduado em Letras Português/Inglês pela Unesc, professor da rede pública e privada de ensino de Criciúma e supervisor do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

<sup>3</sup> Graduanda em Letras Língua Portuguesa, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

<sup>4</sup> Graduanda em Letras Língua Portuguesa, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

<sup>5</sup> Graduanda em Letras Língua Portuguesa, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

knowledge, helped him to adapt in a country so far from his culture of origin. Also, the research analyzes the diversity and difficulty of phonemes between languages, focusing on French and Portuguese, analyzing the existing multilingualism and how it is exercised.

**KEYWORDS:** Intercomprehension; languages; Immigrant.

## 1 INTRODUÇÃO

A palavra-chave para esta pesquisa é “Intercompreensão”, pois foi necessário entender como um indivíduo no qual nunca teve contato com nossa língua conseguiria desenvolvê-la baseando-se nas línguas as quais já tinha domínio. Como âmbito da pesquisa, uma entrevista semiestruturada foi realizada pela plataforma online *Google Meet*, visto que nos encontramos em um momento de isolamento social, por conta da pandemia de Covid-19, e este foi o modo mais adequado para o momento, que encontramos, para melhor entendermos como, de fato, ocorre a adaptação de um indivíduo não-fluente em português, ouvindo-o e registrando sua entrevista.

Mesmo com um roteiro prévio, a entrevista abriu espaço para o entrevistado relatar pontos que anteriormente não haviam sido planejados (como as semelhanças entre línguas latinas e a diferença destas para a gramática de línguas como o Francês ou línguas de origem africanas - notando que estas eram as que o entrevistado era dotado). Além disso, foi exposto pelo entrevistado, ainda mais, o leque de informações inéditas para a construção da pesquisa. A entrevista permitiu com que fosse possível compreender, com um relato real, como a intercompreensão entre línguas ajudou com que um indivíduo não-fluente em português, por exemplo, conseguisse se adaptar a língua e aprendê-la na prática com ajuda de outras línguas que já havia aprendido. Ou seja, pensando que grande parte das línguas vieram de um mesmo epicentro, assunto este que será melhor desenvolvido ao longo da pesquisa, é possível concluir que mesmo o indivíduo não sendo fluente em uma língua, talvez nunca nem tido contato com esta, é completamente viável ele ser capaz de compreendê-la, mesmo que em partes, por suas semelhanças com outras em que tenha domínio e/ou conhecimento.

O entrevistado foi um estudante estrangeiro congolês que sem nenhum estudo prévio da língua que encontraria, viajou para o Brasil, sendo obrigado a se adaptar e aprender como se comunicar. Desta forma, ele encontrou diversas dificuldades em fonemas,

concordâncias e da própria gramática da língua. Como a Intercompreensão se deu, como este indivíduo conseguiu aprender português com ajuda de outras línguas e suas dificuldades são alguns dos pontos principais desta pesquisa que buscamos entender e estaremos debatendo mais detalhadamente a seguir.

## 2 INTERCOMPREENSÃO

Segundo Escudé e Calvo del Olmo (2019), o termo intercompreensão foi cunhado em 1913 pelo linguista francês Jules Ronjat, e se dá quando “(...) dois interlocutores se encontram, cada um falando - ou escrevendo - sua própria língua e se esforçando para entender a língua do outro.” Talvez um falante do português, que já tenha se deparado com um texto em espanhol na internet e, sem nunca ter estudado nada do idioma, tenha compreendido boa parte do que estava escrito. Algo que pode acontecer também quando alguém se depara com outra língua latina, como o italiano, francês, ou até mesmo uma língua mais distante como o inglês, ainda terão palavras que podem ser reconhecidas facilmente na escrita. Ainda, de acordo com Escudé e Calvo del Olmo (2019) “(...) as línguas raramente se encontram totalmente isoladas, antes se integram com outras línguas vizinhas, com outros sistemas mais ou menos próximos.” Isso pode ser verificado nos exemplos abaixo, a mesma frase traduzidas para idiomas diferentes:

Português: Eu gostaria de um copo de café.

Espanhol: Me gustaría una taza de café.

Francês: Je voudrais une tasse de café.

Italiano: Vorrei una tazza di caffè.

Inglês: I would like a cup of coffee.

Mesmo sendo fluente em alguma dessas línguas, ainda é possível identificar que o espanhol e o português são mais similares e próximos do que os outros, mesmo assim a palavra “café” acaba, lexicalmente, parecida em todos os idiomas acima. Segundo Möller e Zeevaert (2015) línguas derivadas do latim, como por exemplo, português, espanhol, francês, italiano têm maior possibilidade de intercompreensão, dado que fazem parte da mesma família linguística. Dessa forma, um brasileiro que lê ou escuta esses outros idiomas pode compreendê-

los mesmo sem ter conhecimentos sobre eles. Nessa perspectiva, dependendo das estratégias adotadas pelos interlocutores, a intercompreensão pode ser, mesmo com certa dificuldade, um recurso imediato e de sucesso. Como quando se está em alguma viagem e precisa-se fazer o pedido no balcão, mas não se sabe a língua local. Esse tipo de recurso pode ser usado em outras situações também, que foi algo que nosso entrevistado descobriu quando chegou ao Brasil.

Primeiramente, antes de chegar ao país para estudar, ele imaginou que os brasileiros falassem espanhol ou pelo menos que a maioria tivesse um bom domínio do inglês. Ao descobrir que português era a língua usada no país, ele ainda demorou um tempo até perceber a semelhança com sua língua materna, o francês, assim como ele disse em entrevista: “(...) no início era sempre aquela conexão e de vez em quando acabava falando um francês *portuguenizado* assim, tipo, não sabia a palavra aí só colocava uma pronúncia em português assim... meio aberto”.

Ele explica que também usou bastante o francês durante as provas da universidade, por causa da proximidade léxica entre as línguas: “(...) eu ia criando umas regras dentro da cabeça mesmo, tipo... ah, tais palavras são bem parecidas com tais palavras em francês, só que a ‘*terminesão*’ que é diferente... tipo, exemplo o *comunicação*, daquelas palavras que termina com “*ção*” vão terminar com ‘*tion*’ em francês. Só que a mesma palavra no caso é só trocar a fonética, né, o jeito de pronunciar.” Para Carola e Albuquerque Costa (2015, p.104-105) esse processo de compreensão recíproca, em que cada indivíduo usa a sua língua primeira e não uma língua franca (como o inglês) para se comunicar, é mais bem sucedido quando as línguas dos interlocutores são aparentadas, ou próximas, como as que nascem de uma mesma raiz linguística, pois os indivíduos, mesmo desconhecendo a língua do Outro, podem se apoiar em paridades de ordem lexical, sintática e/ou discursiva entre as línguas, reconhecendo palavras transparentes e construções semelhantes às da própria língua (plural formado com “s” em português e espanhol, por exemplo).

### 3 ANÁLISE DA ENTREVISTA

Na entrevista foram observados fenômenos linguísticos presentes no processo de aprendizado e adaptação de uma nova língua desconhecida. Foi possível ser observado como um imigrante se adapta a uma nova língua da qual jamais teve nenhum contato, sendo obrigado

a aprendê-la para que possa ingressar na sociedade em que convive e comunicar-se entre os indivíduos locais. Dentre as categorias que foram analisadas, destaca-se a importância da comunicação verbal para aprender as reais pronúncias de determinadas palavras, a dificuldade em lidar com os gêneros das palavras e como a interlíngua pode auxiliar no aprendizado por meio de uma língua que o imigrante já possui familiaridade. No início do processo precisa-se de alguns segundos para achar uma palavra na língua materna que soe semelhante a palavra que ele deseja proferir, mas conforme o indivíduo convive com pessoas que falam a língua local, essa habilidade de lembrar das palavras locais se torna mais fácil.

Para guiar este projeto foi realizada uma entrevista semiestruturada com um imigrante do Congo. O imigrante entrevistado contou sobre suas dificuldades no início e compartilhou as dificuldades que ainda possui atualmente. Durante a entrevista pode-se perceber sua dificuldade em definir o gênero das palavras como quando ele diz “Era a única que falava inglês na... no curso.” (ENTREVISTADO). O entrevistado compartilha que durante as conversas lembrava-se de palavras em francês que tinham a fonética parecida com palavras em português, porém o término das palavras era diferente, essa tática o auxiliava para conseguir desenvolver uma conversa com um indivíduo local. Ele compartilhou sobre suas experiências no início quando chegou ao Brasil, a dificuldade em se comunicar com os moradores locais, seja para fazer amizade ou até mesmo para fazer seus documentos legais. O entrevistado conta que quando chegou ao Brasil falava três línguas: *kiswahilli*, francês e inglês.

A língua mais próxima foneticamente do português era o francês, coincidentemente sendo a língua que tinha mais prática, ele menciona que no início fazia traduções mentais para tentar descobrir quais palavras usar durante uma sentença e mesmo assim acabava falando de forma “enrolada” e de difícil compreensão, mas aos poucos, com muita prática e uso do dicionário, o entrevistado passou a ter facilidade nas traduções, mas hoje em dia ainda utiliza destas ajudas para se comunicar verbalmente no dia a dia. Durante a entrevista é mencionado sobre a dificuldade em utilizar este método de tradução mental, pois desta forma o imigrante mescla as pronúncias e acaba se deparando com palavras do português que possuem a pronúncia de uma determinada letra totalmente diferente de como é em francês. É possível visualizar este exemplo quando menciona: “São muitas palavras assim que tiveram muita gente me corrigindo, tipo explicação que se pronuncia com ‘S’ mas não consigo, e muitas palavras que parecem como uma trava língua que foi meio difícil, tipo liquidificador.” (ENTREVISTADO). De forma descontraída ele introduz na entrevista o termo informal “portucês”, para expressar melhor

como criava essa conexão entre as línguas para poder se comunicar, essa mistura causava certo atrito tanto na fala oral, quando ele pronunciava algumas palavras de forma errada influenciado pela pronúncia francesa, quanto pela confusão que isso lhe causava e insegurança.

A utilização do método de interlíngua foi o que o ajudou a se comunicar quando chegou ao Brasil em uma situação de total desconhecimento da língua, ele até mesmo acreditava que falávamos espanhol. Com o intuito de estudar no nosso país, o imigrante se deslocou de sua terra natal sem qualquer conhecimento sobre a língua local e se deparou com algo totalmente diferente do imaginado, apesar de tudo, ele conseguiu se comunicar inicialmente falando em inglês, mas aos poucos conseguiu aprender a língua portuguesa como se deve, usando o método de mesclar a língua local com sua língua materna, assim buscando palavras com fonéticas semelhantes para uma melhor compreensão do indivíduo ouvinte.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em suma, é possível perceber, com a entrevista e com os estudos acerca da intercompreensão entre línguas, a falta do português como uma língua de acolhimento, já que não existe de fato um método específico para que um imigrante aprenda o português com maiores facilidades. Porém, o estudo corrobora com mais uma prova concreta do processo de interlínguas e como ele pode, de fato, cooperar com a inserção de um imigrante adulto em uma realidade completamente nova. Também, o estudo faz uma reflexão sobre as diferenças da gramática da língua portuguesa para as de outras línguas, evidenciando a diferença entre gêneros em pronomes, concordâncias e a falta de gênero neutro que outras línguas possuem, como o Francês, evidenciando quais são as dificuldades do aprendizado da nossa língua para quem tenta aprendê-la.

Contudo, a entrevista deixa clara a falta de preparo de profissionais para receber um imigrante, lembrando que o entrevistado comenta que desistiu de aprender a língua em sala de aula e optou por aprender sozinho, já que a professora não o entendia. É evidente que ainda não temos completo suporte para acolher estes imigrantes e que existem falhas em como ensiná-los, o que ensinar, quais são realmente suas dificuldades, etc.

Outra reflexão, além das já citadas anteriormente em questão de interlínguas, é sobre o preconceito que imigrantes recebem ao chegar ao Brasil. Mesmo que estas pessoas

tenham escolhido vir morar aqui e estejam tentando se adaptar para cooperar com o país e tentando fazer parte da sociedade, o preconceito por não terem o português como língua materna e cometerem erros gramaticais é evidente e claramente problemático. Desse modo, fica claro a necessidade da incorporação de tradutores comunitários em universidades e escolas para cooperar com a inserção de imigrantes na comunidade como uma medida legal a ser tomada pelos órgãos governamentais em prol não só da inclusão, mas do avanço do próprio país.

## REFERÊNCIAS

- CAROLA, Cristina; ALBUQUERQUE COSTA, Heloisa. Intercompreensão no ensino de línguas estrangeiras: formação plurilíngue para pré-universitários. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, n. 42, p. 99-116, fev. 2015. ISSN 0104-0944. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/2058>>. Acesso em: 10 out. 2021.
- CORTEZ, Dayane. **Políticas linguísticas em Criciúma: Promoção e ensino da língua portuguesa como língua de acolhimento**. 2018. 322 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-graduação em Educação, Criciúma, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/7009>. Acesso em 14 jul. 2021.
- CORTEZ, Dayane et al. Programa de ensino-aprendizagem de português como língua de acolhimento: construindo um projeto de extensão integrador. **Anais do Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos**, v. 3, 2019. Disponível: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/seminarioECPE/article/view/5523/4917> Acesso em: 28 set. 2022.
- CORTEZ, Dayane et al. PLAc: EXPERIÊNCIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EXTENSÃO. **Revista Linguagem, Ensino e Educação-Lendu**, v. 5, n. 1, p. 29-48, 2021. Disponível: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/lendu/article/view/6444>. <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/seminarioECPE/article/view/5523/4917> Acesso em: 28 set. 2022.
- CORTEZ, Dayane; BACK, Angela Cristina Di Palma. Considerações sobre o Português Língua de Acolhimento e seus impactos na política linguística. **Revista Teias**, v. 23, n. 69, p. 218-229, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/65967>. Acesso em: 28 set. 2022. <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/seminarioECPE/article/view/5523/4917> Acesso em: 28 set. 2022.
- ESCODÉ, P.; CALVO DEL OLMO, F. **Intercompreensão: a chave para as línguas**. São Paulo: Parábola, 2019

MÖLLER, R.; ZEEVAERT, L. **Investigating word recognition in intercomprehension:** Methods and findings. *Linguistics*, v. 53, n. 2, p. 314-315, 2015  
<https://wp.ufpel.edu.br/tesouro-linguistico/2020/05/15/o-que-e-intercomprensao/>

## ANEXO

### Arquivo transcrito; Entrevista:

T: Tá, rapidinho, porque não tava gravando aqui. Tu achou que antes de vir que no Brasil falava inglês ou espanhol? No caso espanhol, mas que as pessoas sabiam falar inglês, certo?

C: Sim.

T: Aí tu escutou várias músicas?

C: (inaudível)... (risos) Quando cheguei ae usei o inglês, na real, quando cheguei pra ver se a galera falava, ai percebi que não. Só que era a língua que eu achava mais próximo pra galera que ouvir, tipo... Quando vi que falava português que (inaudível) tinha que ter tipo... uma aula de inglês na escola, uma coisa assim. Só que foi a primeira língua que eu tentei usar assim no Brasil. Ai tinha uma professora... que sabia falar inglês. Era a única que falava inglês na... no curso. ai no mesmo, na mesma sala tinha uma menina que tinha feito um intercâmbio na Inglaterra.

T: Uhum.

C: Daí ela falava inglês. Aí o inglês eu usei mais tipo... na prova. Daí traduzia toda a prova em inglês pra traduzir tudo de volta em português e tal. E também (pensando), o francês usei muito pela semelhança.

T: A proximidade, né?

C: É, a proximidade. Aí eu ia criando umas regras dentro da cabeça mesmo, tipo... ah, tão palavras são bem parecidas com são bem parecidas com tão palavras em francês, só que a terminação que é diferente... tipo, exemplo o comunicação, daquelas palavras que termina com “cão” vão termina com “tion” em francês. Só que a mesma palavra no caso é só trocar a fonética, né, o jeito de pronunciar. No caso, tipo, usei bastante dicionário. Eu não usava google, eu tinha uma certa... um certo preconceito que google era meio burro pra traduzi certinho, saber.

T: Sério? (Risos)... Aí dicionário era melhor?

C: É, era melhor. Aí eu usava muito dicionário tipo, pra ir no mercado eu traduzia tudo que eu queria no mercado e tipo, pegava... procurava no dicionário, aí traduzia em português, mas se no caso me perder no mercado eu vo saber dizer assim oh: “saída”.

T: (Risos)

C: Do tipo, preço, sabe. Daí comecei com os números, assim...

T: Bem, não...

C: Ajudava bastante.

T: Teve alguma situação de tu ficar perdido e não conseguir se comunicar?

C: Então, teve alguma, tipo, entrevista. Sabe, no início quando a gente chega aí tem que fazer toda aquela correria de documentação. Tipo, na polícia federal faz o documento e tal. Só que a maioria daqueles corre eu fiz sozinho e tinha que fazer todo ano né. Aí já no início chega... Foi na polícia federal umas três vezes, quatro vezes. Que chegava lá não sabia como falar porque tipo, chegava vou falar o quê? Não sabia o que era estrangeiro, como se falava (inaudível), português e tudo. Aí chegava lá e me enrolava, a recepcionista não entendia nada e voltava pra casa.

T: “Vou estudar mais um pouco” (risos).

C: Existia (pensando) Na faculdade... na real que tipo acabei passando um bastante tempo sem conversar com galela assim, que tinha não sei, medo de errar ou tipo... sabendo que tipo, vou falar e ninguém vai me entender. Aí acabava passando tipo o rolê, saía e ficava olhando pessoa ao invés de falar.

T: Uhum.

C: Porque já teve situação que eu tento explicar uma coisa duas, três vezes e tu vê que todo mundo tá ficando “quê?”, tentando decifrar o que tu tá falando. Não dá.

T: É complicado. Olha só, eu tenho um roteirinho, tá? Pra gente come... tipo, pra... (nervosa) tem umas perguntas. Que seria assim né, a gente queria que tu explicasse qual o país, né, que você nasceu. Se você sempre viveu lá. E quais as línguas que vocês falam lá.

C: Então, eu venho do Congo... (inaudível) E o Congo tem como língua oficial o francês no caso, porque no Congo tem um monte de língua na real, tem bastante língua e tem algumas que são considerada mais principais. No caso, línguas nacionais, né. São bem original de lá. Aí o... As quatro línguas nacionais são o kiswahili, lingala, kiluba e kikongo. Tá, vou escrever aqui no chat daí tu-

T: Por favor.

C: É né.

T: Tá, essas são as línguas oficiais?

C: Não, são línguas nacionais, no caso língua nativa, assim.

T: Uhum.

C: Aí o francês que vem... que acaba sendo língua oficial, e o... essas quatro línguas são faladas em quatro regiões dividida assim do país e são quatro línguas bem diferentes. Aí tu sai de uma cidade, ou uma região do país, tu chega em outra cidade é totalmente diferente a língua, tu não entende nada. A estrutura da língua, a conjugação, a pronúncia também é diferente. Ai a gente acaba tendo francês como língua oficial para facilitar essa comunicação entre povos né e entre cidades.

T: Uhum, e a que tu falava mais é a (inaudível)... como se fala isso? (risos)

C: Aham, da minha região é kiswahilli

T: Kiswahilli que é a segunda que tu escreveu, né?

C: isso!

T: Tá, e o inglês também?

C: Aí o inglês, o inglês a gente tem na escola que nem aqui no Brasil. Só que é só o verbo to be né (risos)

T: (risos)

C: The book is on the table (risos)

T: Mas tu já sabia um pouco quando tu veio pra cá?

C: Isso, daí eu aprendi sozinho.

T: Aprendeu no teu país ou aqui?

C: Não, no meu país, no colégio. Daí, tipo, como a gente tinha um tempo livre assim né, de estudo, como eu estudava num colégio interno, eu morava lá né. Aí a gente sempre tinha uma rotina tipo acordar, tem o tempo de estudo, daí o café, daí começa as aulas normal até uma hora da tarde, aí vai ter tipo o recreio de duas hora, aí banho e já tinha estudo de novo. Aquelas hora de estudo, passei um tempão assim, tipo quase cada ano pegava muito tempo estudando ali sozinho.

T: Uhum.

C: (inaudível) livro e tal.

T: E qual língua era na escola... que vocês usavam?

C: Daí ali na escola era o francês obrigatoriamente.

T: Obrigatoriamente francês. Ta, e em casa tu falava o... (pensando)

C: Não, aí em casa na fa... em família a gente acaba falando em francês também. Aí kiswahilli o... acabei, tipo falando né, aprendendo com familiares, tipo, membro da família eu não falava francês ou na rua com os amigos também.

T: Uhum, que é a língua do hakuna matata? (risos)

C: (risos) isso!

T: E o que que quer dizer hakuna matata? Por favor, sempre tive essa curiosidade.

C: É “não tem problema”.

T: ah, não tem problema. Acho que fala isso no filme, né? Nem lembro

C: No filme fala isso! (risos)

T: (risos) não tem problema! Tá, (inaudível) então as que tu mais falava mesmo era o francês em primeiro... primeiríssimo lugar e o kiswahilli?

C: isso.

T: Tá, deixa eu ver o que mais tem aqui. Por que você veio pro brasil estudar? Em qual ano? E o que que você veio estudar primeiro? Qual o curso?

C: Ata! Ai que (inaudível) (risos)

T: (risos)

C: Os meus passados (risos) mas enfim, o... Em primeiro lugar vim pra estudar mesmo. É que... como queria fazer arquitetura o... a faculdade da arquitetura era muito cara na minha cidade, no caso, no meu país. E a faculdade também era cara, tipo, nos Estados Unidos, na França, que é tipo, lugares que tem alguns familiares que podia ter pessoas assim. Só que é difícil tipo assim, o custo, chegar lá, a moradia e a faculdade nem fala. Aí naquela época tava pesquisando, daí era bem na época do governo da Dilma.

T: Aham, saudades! (risos)

C: Aham! (risos) Daí tava sendo liberado um monte de bolsa de estudo. Aí quando percebi que tava tendo um monte de bolsa daí eu me larguei para cá, né. Daí como lá a gente já usava o dólar aí o pai mandava dinheiro naquela época e quando chegava aqui tipo, o valor que ele mandava dobrava aqui porque na época era 2 reais.

T: Nossa! Isso foi em que ano mesmo?

C: 2015.

T: 2015, ah, é, agora mesmo tu ia tá rico né? Agora se teu pai mandar dinheiro tu ta rico (risos)

C: Gostaria que tivesse mais uma pessoa pra me mandar uns dólar daí (risos)

T: ai cê 'taria estaria rico. E qual curso foi... arquitetura né? Mas tu mudou de curso depois, pra artes, certo?

C: Aham, daí fiz seis semestre aí fui pra artes visuais.

T: uhum. Tá deixa eu ver agora aqui. Tá, cê não sabia falar nada de português, tipo nada?

C: não, nada.

T: nada.

C: os professores ficava quase doido quando fiz arquitetura (risos)

T: (risos) e qual foi a maior dificuldade na sala de aula no início? Além de tudo?

C: aham, tipo, ao mesmo tempo que eu como aluno tava meio surtando, assim, que não tava entendendo nada, os professores ao mesmo tempo tava mais surtando, sabendo que tipo, tem um cara lá perdido dentro da sala

T: (risos) ai meu deus, ta mas então as línguas que tu já falava ajudaram na comunicação que foi o inglês... (espirro) desculpa. E o francês você usa bastante assim pra questão de conectar a língua? O português com francês? Como tu tava falando no começo?

C: No começo sim, porque sempre tem aquele processo né de tradução automático dentro da cabeça, aí no início levou tempo de procurar uma palavra em francês dentro da cabeça, a gente fala em fazer aquela tradução rápida dentro da cabeça do francês pro português e eu usei bastante, ah, mas no momento já é tipo meio que automático assim.

T: Sim, agora já é igual inglês no caso.

C: Sim, mas no início era sempre aquela conexão e de vez em quando acabava falando um francês “portuguenizado” assim, tipo, não sabia a palavra aí só colocava uma pronúncia em português assim... meio aberto.

T: Tipo um portunhol, só que daí seria um “portucês” (risos)

C: É! (risos) Um “portucês”, sei lá comé que se fala.

T: Deixa eu ver... Então você não conseguia entender ninguém no começo e o francês foi a língua que mais te ajudou a conectar as palavras semelhantes, o inglês também tem algumas né, se tu for olhar, na escrita.

C: É, o inglês eu usei bastante porque tinha francês/inglês na comunicação da galera, o pessoal usava mais o inglês do que francês, mas nas minhas leituras eu usava mais o francês. Eu tentava usar mais o inglês do que o francês assim para explicar.

T: Sim... Tá, e o que sahilli... aí sei lá... ai desculpa, como é que se fala? (falando sobre o nome da língua)

C: Kisuahilli

T: Não deu para usar nada então, não deu para aproveitar?

C: Não.

T: Nem os fonemas?

C: Não, nada, tipo, nada nada. Porque tipo, é muito diferente, e com o tempo eu percebi que tinha muitas palavras que eu comecei a esquecer assim

T: Hoje tu não fala tão bem kisuahilli?

C: Não... Eu não falo mais tanto assim né, com meu irmão ou com meus pais eu falo em Francês, aí quando eu e meu irmão vamos tentar (falar kisuahilli) eu travo e ele trava também.

T: (risos) Não sabe mais nada! Deixa eu ver aqui que mais, então a ajuda que você teve para se comunicar na sala de aula foi com a professora que mais sabia português...

C: Isso, e com aquela amiga também que mais falava inglês

T: A tua amiga que fez intercambio na Inglaterra, né? E quais fonemas mais te pareceram difíceis no começo?

C: A confusão de R e RR, sabe quando tu pronuncia coRRer em vez de coRer, assim? O z também, muitas palavras que tem X'is, sempre que vou pronunciar sai como o fonema de “eXplicação”, sabe?

T: Aham!

C: São muitas palavras assim que tiveram muita gente me corrigindo, tipo explicação que se pronuncia com ‘S’ mas não consigo, e muitas palavras que parecem como uma trava língua que foi meio difícil, tipo liquidificador.

T: (risos)

C: Mas com os outros fonemas assim não tive tanto porque é parecido com o Francês, né?

T: Sim, vários bem parecidos, né?

C: Aham, principalmente a gramática né, como as regras gramaticais são quase iguais né isso ajudou bastante

T: Na leitura então isso ajudou bastante então pra ti?

C: Sim, na leitura conseguia entender melhor do que o pessoal falando, o pessoal falando parecia um... barulho

T: (risos) outra língua! Deixa eu ver o que mais aqui... Tá, você teve dificuldade em questão de gênero, substantivo...?

C: Até hoje! (risos)

T: Até hoje? (risos) Tipo, “a bagagem” que parece que “bagagem” é masculino.

C: (risos) Aham, hoje (pigarro) vou falar “dente” e não sei se é masculino ou feminino. Não sei se é “a dente” ou “o dente”, sabe? Tem um monte de coisa até no jeito de falar eu percebo que eu ‘tô masculinizando tudo e eu tento me corrigir e quando eu percebo eu ‘tô “feminilizando” tudo. Até hoje tenho esse problema com questão de gênero na língua portuguesa.

T: Sim, deixa eu ver o que mais... Você fez algum curso para aprender português?

C: A Unesc me ofereceu alguns cursos no início, mas eu desisti. É que ‘tava muito ruim para mim, eu decidi aprender na guerra mesmo. Na prática assim. É que eles me deram uma professora que não falava nem Francês nem Inglês e eu não falava Português.

T: (risos) Nossa!

C: Ela só falava português (risos).

T: Aí ficou um pouco confuso?

C: Sim, ficou confuso aí eu desisti.

T: Agora, a gravação já vai acabar. ‘Tá, o teu nível de português você já se considera fluente mesmo tendo essas dificuldades, certo?

C: Sim, agora é de boa.

T: (risos) A gente ta conversando aqui tranquilo né. E para escrever assim, você escreve bem ou ainda tem dificuldade?

C: Algumas. Algumas dificuldades, mas eu escrevo assim.

T: É, na faculdade é obrigado, né? (risos)

C: Aham. (risos)